

FACULDADE DE CONCHAS (FACON) - POLO A CASA TOMBADA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS –
ABORDAGENS POÉTICA, LITERÁRIA E PERFORMÁTICA

João Fuzatto Netto

Orientadora: Professora Mestre Letícia Liesenfeld

**CONVITE PARA UMA ESTÉTICA DA ESCUTA:
LEITURA DE NARRATIVAS LITERÁRIAS EM VOZ ALTA**

SÃO PAULO/SP
2020

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões sobre a prática de leitura em voz alta de textos narrativos dentro do espaço de sala de aula, em uma escola municipal de Itanhaém, litoral de São Paulo, em que leciono há 14 anos. Essas reflexões são baseadas na experiência do autor como professor praticante e pesquisador desta atividade, apontando aspectos que considero relevantes para essa atividade. Para desenvolver este trabalho, usei como referência teórica, principalmente, o autor e educador Élie Bajard, que desenvolveu experiências de pesquisa com leitura, principalmente, no Brasil, o qual, em vários trabalhos publicados, teoriza e aponta ações que envolvem a prática da leitura em voz alta.

Palavras-chave: leitura em voz alta, literatura infantojuvenil, contação de história, escuta.

Convite para uma estética da escuta: Leitura de narrativas literárias em voz alta

A escola é um lugar de muitos livros, de muitas leituras e de muitas escutas. Porém, pela obrigatoriedade de se cumprir um currículo pedagógico extenso, constantemente supervisionado pela Diretoria de Ensino, pela coordenação da escola e até mesmo pelos pais de alunos, a prática de leitura dos livros, geralmente os literários, tornou-se uma atividade objetiva, prática, cheia de perguntas e questionários, de certos e errados, deixando o prazer da leitura para um outro momento, preferencialmente fora da escola. A leitura literária, a qual poderia ocorrer de diversas maneiras e com diversas finalidades, inclusive de dar autonomia ao estudante como leitor, cala-se, cada vez mais.

Durante os primeiros anos escolares, a leitura é transmitida pela voz do professor e é um hábito prazeroso e de encantamento para os alunos, pois muitos não têm essa primeira experiência com o livro e com a leitura em suas casas. Mas com o passar dos anos, a leitura vai se silenciando proporcionalmente à passagem dos ciclos escolares.

Além disso, o que era um prazer, vira uma obrigação. O livro deixa de ser lido em sala de aula pelos professores e escutado pelos alunos e deve ser lido pelo estudante

em casa, com o objetivo de uma avaliação posterior, a fim de verificar se o livro foi lido em sua totalidade. Tal verificação visa a avaliar se o aluno entendeu e compreendeu o livro em sua totalidade, com perguntas objetivas, dissertativas ou de múltipla escolha, mas deixa de contemplar a apreciação estética e a fruição da leitura. Devido a essas e outras mudanças, a leitura literária vai sendo abandonada pela maioria dos alunos, tornando-se cada vez mais distantes deles, não só no período escolar, mas provavelmente no decorrer de suas vidas.

Nos anos iniciais escolares, como as crianças ou não são alfabetizados ou estão no processo de alfabetização, é comum que os professores leiam em voz alta para seus alunos. Dessa forma, a maioria parte delas têm contato não só com o livro, mas também com diversas narrativas, geralmente de caráter oral, como os contos de fadas, as lendas e os mitos, por exemplo. Esse tipo de prática ocorre com frequência até o 5º ano do Ensino Fundamental. Soma-se a isso o fato de os alunos passarem a maior parte da carga horária com o mesmo professor, fato que contribui para a prática da leitura de narrativas em voz alta.

Quando os alunos entram no 6º ano e há mudança de ciclo, eles têm uma quantidade maior de professores, de aulas, de conteúdos e de obrigações. E essas mudanças refletem não só no comportamento dos alunos, mas também na didática desses professores. Dessa forma, a maioria dos professores busca cumprir o conteúdo do programa escolar que é a eles estipulado pela Secretária da Educação, não sobrando tempo para atividades que não sejam caracterizadas pela sua objetividade.

É nesse contexto que comecei a lecionar Língua Portuguesa nas turmas do 6º ao 9º ano, mas não foi no início que tive essa visão mais abrangente sobre tudo isso. Inquietava-me o jeito como os textos literários eram apresentados aos alunos pelo sistema educacional, servindo ora para uma análise linguística, ora para estudo de gênero, ora para compreensão e interpretação de texto, ora para a contextualização de um movimento literário. Nesse contexto, percebi que o gosto, o encantamento e o prazer estético de leitura e de escuta distanciam-se tanto do professor quanto do aluno.

Nesse ambiente de aprendizagem é valorizada a compreensão do texto, a qual é associada à leitura silenciosa, individual, pois esse tipo de leitura é considerada por muitos a mais adequada para o desenvolvimento do pensamento e da lógica, pois extrema atenção, como se o aluno estivesse inserido em um ambiente religioso de “scriptorium” de um mosteiro da Idade Média. Esse tipo de leitura, a silenciosa, pode e

deve acontecer na sala de aula. Porém, ela não deve ser exclusiva e ser apenas para o desenvolvimento do pensamento lógico.

Diante desse cenário, realizo um trabalho de leitura em voz alta de textos literários, principalmente para estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, a fim de despertar os sentidos deles para a escuta literária e, dessa forma, abrir espaço para o encantamento e para a fruição estética.

Neste trabalho apresento reflexões sobre a prática de leitura em voz alta de narrativas literárias, principalmente romances infantojuvenis, baseadas em minha experiência em um ambiente de sala de aula. Em vários momentos deste trabalho, comparo esse tipo de leitura à contação de histórias, pois acredito que ambas atividades se aproximam não só por uma questão de transmissão vocal, mas também como uma forma de deslocamento do texto literário que não pretende apenas delimitar uma forma de entendimento, mas sim propiciar, por meio deles, o gozo estético.

Mesmo que essas práticas narrativas (a leitura de narrativas em voz alta e a contação de histórias) sejam diferentes em vários aspectos, elas apresentam alguns elementos essenciais para que existam. Uma narrativa pode acontecer em qualquer lugar e em qualquer momento, mas para que ela ocorra, são necessários três elementos: o contador/narrador/leitor de histórias, o ouvinte/leitor/telespectador da história e a narrativa.

A oralidade está presente em boa parte das comunicações humanas, letradas ou não. Povos de diferentes locais e de diferentes épocas usam a comunicação oral com diferentes finalidades: conhecer mais sobre si mesmo e o mundo em que vivem e partilhar as mais diversas experiências. Dentre essas experiências compartilhadas há a narração oral, que pode ser uma vivência individual ou coletiva, real ou ficcional. Esse tipo de prática é caracterizado, fundamentalmente, pelo domínio da narrativa na memória do narrador, o qual se vale, principalmente de seu corpo, de sua voz, de seu olhar, de seus gestos, de seus movimentos e de suas intenções para partilhar sua vivência e interagir com o outro.

Mas e se a história for amparada por um livro na mão da pessoa que deseja compartilhá-la? Será uma contação de história ou uma leitura em voz alta? Nesse caso, o contador passará a ser um leitor? E o ouvinte, um ouvinte? A utilização de um livro no momento de narrar uma história faz com que a narrativa perca sua força e sua beleza? Se há uma tradição na contação de histórias, há também uma tradição na leitura de histórias em voz alta? A leitura em voz alta pode ser uma expressão artística da

oralidade? Essas perguntas me fizeram refletir sobre minha prática de leitor de narrativas em voz alta e buscar não só um aprofundamento em seus fundamentos, suas técnicas e abordagens artísticas, mas também um diálogo com outros autores que investigaram esse tema.

No livro *O ofício do contador de histórias*, as contadoras e teóricas Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy também formularam perguntas referentes às diferenças existentes entre essas práticas orais de contar e ler histórias. Além das perguntas formuladas anteriormente, elas questionam sobre a qualidade de tais práticas: “O que é melhor: contar a história, ler a história ou sugerir que o outro leia? Existe diferença entre uma história contada e uma história lida?” (MATOS, 2009, p.06)

Para Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy

“Sim, existe diferença entre contar e ler uma história, porque também existe uma diferença entre palavra oral e palavra escrita. Quando a comunicação se dá através da palavra oral, nosso centro de percepção é o auditivo. Uma característica da percepção auditiva é que ela nos proporciona a experiência da unidade. O som nos invade por todos os lados e passa através de nós. Todo o nosso corpo é uma unidade auditiva, porque estamos no centro do campo sonoro.” (MATOS, 2009, p.06)

Contudo, a proposta deste trabalho não é um estudo comparativo que visa avaliar a qualidade entre essas práticas, mas sim refletir sobre a leitura de narrativa em voz alta, não só como uma prática de contar histórias com o suporte de um livro em mãos, mas principalmente, como uma atividade que busca instaurar a autonomia de escuta e proporcionar uma experiência de gozo estético no aluno/ouvinte. Mesmo não sendo um estudo comparativo, em diversos momentos desse trabalho aproximei a leitura em voz alta da narração oral, pois esta, por ser reconhecida como uma expressão artística, ajuda a mostrar que aquela também pode apresentar seu caráter artístico.

É fato que a leitura acompanha a humanidade desde o momento em que as letras, os números e outros símbolos começaram a ser registrados em suportes materiais diversos, em épocas e sociedades mais antigas, com várias finalidades e práticas distintas. E, embora haja uma enorme possibilidade de leituras, elas podem se manifestar de duas formas a partir do momento em que ocorreu esse registro: uma, de forma silenciosa, em que o leitor lê para si mesmo; outra, uma leitura em voz alta, em que o leitor geralmente lê para outra pessoa, o qual se torna o ouvinte dessa prática.

Há registros e depoimentos, tanto ficcionais quanto reais, da prática da leitura em voz alta de um texto escrito em livro para outra pessoa e como isso pode impactar sobre um ouvinte. No romance romântico francês *Os miseráveis*, de Victor Hugo, uma

personagem surpreende e se deleita com a leitura em voz alta de outra personagem, a qual inicialmente estava lendo em voz alta para si mesma.

O Sr. Mabeuf tinha prazeres muito inocentes. Custavam-lhe pouco e lhe chegavam inesperadamente; eram-lhe proporcionados pelos menores acasos. Um dia a velha Plutarco lia um romance a um canto da sala. Lia em voz alta, convencida de que assim entenderia melhor. Ler alto é o mesmo que confirmar o que se lê. Há pessoas que, lendo exageradamente alto, parecem dar a si próprios a palavra de honra do que leem.

A velha Plutarco lia com essa energia o romance que tinha nas mãos. O Sr. Mabeuf a ouvia sem escutar.

Em meio à leitura, a velha Plutarco chegou a esta frase. Tratava-se de um oficial dos dragões e de sua amada:

Os olhos da bela lançavam faíscas de ódio, e o dragão...

Aqui interrompeu a leitura para limpar os óculos.

- Lançavam faíscas – retrucou à meia-voz o Sr. Mabeuf. – É verdade, na lenda de Buda e o dragão, do fundo de sua caverna, um dragão lançava fogo pela boca e queimava o céu. Muitas estrelas já tinham sido incendiadas pelo monstro que, ainda por cima, tinha garras de tigre. Buda foi até a caverna e conseguiu apaziguar o dragão. Bom livro esse, Dona Plutarco. Não existe lenda mais bonita!

E o Sr. Mabeuf entregou-se a deliciosos sonhos.

(HUGO. 2012, p. 955, 956)

O romancista romântico brasileiro José de Alencar, em um texto que narra sua autobiografia literária, *Como e porque sou romancista*, também relata essa prática de leitura em voz alta no século XIX, no momento familiar, em que ele lia romances para outras pessoas da família:

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra. (...)

Uma noite daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais commoventes da nossa bibliotheca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhe o seio.

Com a voz afogada pela commoção e a vista empanada pelas lágrimas, eu também cerrando ao peito o livro aberto, disparei em pranto e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas.

Nesse instante assomava à porta um parente nosso, o Revd. Padre Carlos Peixoto de Alencar, já assustado com o choro que ouvira ao entrar. Vendo-nos à todos naquele estado de afflicção, ainda mais perturbou-se

- Que aconteceu? Alguma desgraça? Perguntou arrebatadamente.

(ALENCAR 1893. p. 16)

Portanto, a leitura em voz alta para outra pessoa pode ser de várias formas e apresentar diversas finalidades. Como escreveu Élie Bajard, em seu ensaio *Ler e dizer*

“assim como as estratégias de leitura variam em função do tipo de texto, os modos de transmissão vocal dependem não só da intenção das pessoas envolvidas na comunicação, mas também das propriedades do próprio texto. Um texto documental suscita mais facilmente um

dizer informativo, enquanto um texto literário dá margem a um outro tipo de dizer” (BAJARD, 2014, p.93)

Em outro livro sobre o assunto, *Da escuta de textos à leitura*, Élie Bajard aponta para o fato de que a leitura em voz alta de um texto escrito é uma forma de torná-lo público, implicando um ato de comunicação que envolve uma pessoa que emite e um ouvinte que escuta.

Este trabalho apresenta reflexões e pesquisas pessoais sobre momentos de minha prática como leitor, em mais de dez anos com a atividade de leitura em voz alta de narrativas, principalmente longas – como romances infantojuvenis – em um ambiente de sala de aula, durante aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º anos.

Não há dúvidas de que a leitura está presente em todas as disciplinas presentes nas salas de aulas das escolas, sendo praticada de várias maneiras, principalmente uma leitura silenciosa – para estudo individual – e uma leitura coletiva – para compartilhamento de informações. Na maioria das vezes, o suporte dessa leitura é o livro didático e é realizada durante as aulas de todas as disciplinas, com fins pedagógicos, objetivos e em tom formal, para o aprendizado de um determinado conteúdo.

A leitura em voz alta analisada neste trabalho é uma leitura realizada pelo professor para seus alunos de narrativas que não fazem parte do livro didático e não têm fins conteudistas. O objetivo desta prática, muito além de apresentar obras do universo infantojuvenil, é proporcionar o prazer da escuta e o encantamento da narrativa, a partir da leitura em voz alta de um texto escrito, pelo professor, compartilhando-o a um grupo de ouvintes, alunos frequentes de uma mesma sala de aula. Uma leitura que tem em si mesma um fim, e não uma prática pedagógica com o objetivo de cobrar tarefas escolares dos seus ouvintes, ainda que, para Élie Bajard, em *Da escuta de textos à leitura*, “A escuta do texto, ao contrário da escuta do reconto, é uma primeira entrada no mundo da escrita e ocasiona efeitos diretos de letramento”. (BAJARD, 2014b, p. 30)

O gênero textual utilizado para o estudo da leitura em voz alta é o romance infantojuvenil, geralmente um romance policial ou de aventura, como os livros *A bolsa amarela*, de Lygia Bounga Nunes, *O gênio do crime*, de João Carlos Marinho, e *A droga da obediência*, de Pedro Bandeira. Os livros escolhidos são estruturados em

capítulos e a duração da leitura sempre se estende por várias aulas e em semanas consecutivas, mas a proposta é nunca ultrapassar mais do que dois meses.

As leituras ocorrem durante aulas duplas de Língua Portuguesa, realizadas logo no início delas. A escolha pela leitura nesse momento é pelo fato de que os capítulos dos livros lidos nunca apresentam a mesma quantidade de páginas e, por esse motivo, a leitura em voz alta também nunca apresenta a mesma duração. Então, se houver a necessidade de prolongar um pouco a leitura, esta nunca será interrompida pelo término da aula.

Geralmente, é realizada a leitura em voz alta de dois capítulos em um dia de leitura, a qual dura aproximadamente 25 minutos. Caso os capítulos sejam muito curtos, pode ser lido um capítulo a mais no mesmo dia; porém, se o capítulo lido for longo, também pode ser lido apenas um capítulo no dia. Em alguns casos, quando a narrativa deixa os alunos muito intrigados com o enredo e há a insistência por parte deles para a continuação da leitura, uma exceção é aberta e mais um capítulo é lido.

A leitura do primeiro romance infantojuvenil para uma turma dá-se por volta de dois meses depois do início do período letivo de aula, após conhecer, ainda que de forma não aprofundada, o perfil da sala. Essa leitura ainda ocorre em um momento depois da contação de mitos e narrativas de assombração e da leitura de em voz alta de contos tradicionais.

Essas primeiras leituras funcionam como uma espécie de treino de escuta ou, como afirma Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy, de “aquecimento” do ouvinte, pois para essas contadoras é preciso que os ouvintes dos contos sejam preparados. Ainda, para elas, “O principal objetivo do aquecimento é catalisar a atenção em torno da palavra do contador [neste caso, do professor], criando uma atmosfera de unidade de grupo. Fazer com que a atenção se mantenha durante todo o tempo da apresentação é requisito importante da arte de contar histórias.” (MATOS, 2009, p. 57)

Dessa forma, percebe-se a importância de uma atenção na escuta, tanto das histórias contadas quanto das lidas. Antes da leitura em voz alta do romance infantojuvenil selecionado, há uma breve introdução não só da história do livro, mas também sobre o autor e a materialidade do livro (capa, ilustrações, quantidades de páginas e de capítulos). Após esse momento de apresentação entre o “livro” e o público (os alunos), que funciona como um direcionamento de olhar e de escuta, ocorre a leitura propriamente dita dos capítulos iniciais.

Todos os dias em que são realizadas a continuação da leitura, há uma retomada dos principais personagens e do fio condutor da narrativa para os alunos/ouvintes. Isso ajuda a ter conhecimento sobre a empatia dos alunos pela narrativa, ajuda a fazê-los lembrar da história (principalmente quando a leitura é realizada após um final de semana ou após um feriado) e mantém atualizado aquele estudante que, por algum motivo, faltou durante a escuta de algum capítulo anterior. De certa forma, quando os alunos participam retomando esses acontecimentos anteriores, pode-se perceber que os alunos vão “entrando” na história e tem-se uma noção de quanto a leitura está sendo “escutada” e apreciada.

Reflexões sobre alguns pontos da performance da leitura em voz alta

I. A leitura

A prática da leitura em voz alta não se resume na transposição de letras gravadas nas páginas de um livro impresso em fonemas, isto é, não é apenas a transformação de letras em sons. Se fosse apenas isso, haveria apenas um tipo de leitura em voz alta. Dessa forma, a leitura de um poema em um sarau, a proclamação de algum edital por um arauto da Idade Média ou a leitura de uma narrativa para ouvintes seriam realizadas de forma semelhante, ou mesmo, da leitura de um texto didático sobre a explicação de um conceito de uma disciplina escolar, isso sem contar com a intenção de cada atividade leitora.

Além disso, para Bajard, “(...) a leitura em voz alta constitui o modelo das práticas de leitura. Esse padrão se manifesta através da leitura magistral (do professor), que possui duas funções: revela o significado e oferece um modelo de proferição”. Mais adiante, ele acrescenta que esse tipo de leitura “subverte as instruções que exigem ‘respeitar a pontuação’, ou seja, transformar mecanicamente vírgulas e pontos em pausas.” (BAJARD, 2014b, p.19 e 32). Assim, muito mais do que transformar letras em sons, conta para o sucesso desse tipo de leitura, a prosódia do leitor, transformando “a permanência do texto em ato efêmero e único. O texto gráfico permanece sempre idêntico diante dos olhos do leitor, enquanto a voz do locutor é sempre nova aos ouvidos do ouvinte” (BAJARD, 2014b, p. 34) e o ato da leitura é sempre singular e viva,

“um acontecimento único, seja por um olhar, uma inflexão de voz, um gesto ou um suspiro específico. Ora, esse ‘advento’ singular é construído a partir de um texto escrito, portanto permanente, fixo. A performance da transmissão vocal metamorfoseia um texto ‘adormecido’ na página, criado por um autor ausente, em uma comunicação viva entre protagonistas presentes: mediador e ouvinte. É esse paradoxo que explica o prazer vivido pela criança ao escutar uma milésima transmissão vocal do mesmo texto. A performance transforma o texto gráfico, sempre idêntico, em uma transmissão singular, sempre nova.” (BAJARD, 2014, p. 65)

Em respeito à narrativa, ao estilo e, de certa forma, ao autor do texto lido, todos os capítulos dos romances são lidos na íntegra, ou seja, nenhum capítulo é saltado, resumido e, quase nunca, modificado. Nos momentos em que modifico algum trecho é pelo fato de, em algum momento da narrativa, ter um excesso de detalhes, fato que faz com que o ouvinte se perca e se disperse na escuta. Assim, procuro não alterar a originalidade do texto, nem tecer comentários explicativos sobre a leitura, para que o ouvinte tenha sua própria compreensão e apreciação do texto e a leitura baste por si só.

Durante a leitura, a sintaxe e a estilística do autor são respeitadas, porém, em alguns momentos, por distração do leitor/narrador, alguma palavra é “esquecida/engolida no caminho”, substituída por um impulso maior, acarretando uma modificação somente em algum período, mas nunca no estilo do autor, nem nos acontecimentos da narrativa.

Caso haja uma ilustração, no final da leitura dos capítulos do dia, ela é mostrada e comentada para os ouvintes, e o livro circula pelas mãos dos estudantes, não só para relerem algum trecho, mas também para examinarem com mais cuidado as ilustrações. Os alunos são orientados a não olhar as páginas dos capítulos restantes, para não saberem algo que ainda não foi lido da narrativa.

II. O gesto

Os movimentos, principalmente, das mãos e dos braços do leitor, em um primeiro momento, podem parecer limitados pelo livro que segura na própria mão para realizar a leitura em voz alta, caso diferente do que acontece na contação tradicional, em que o contador tem as mãos livres. Durante a leitura, o livro é segurado por uma das mãos do leitor e com a outra, constante e repetidamente, vira as páginas para que a história continue.

Para o pedagogo Élie Bajard, quando o leitor

“segura o texto nas mãos, seus gestos vão obrigatoriamente se reduzir. Essa neutralização do gesto chega a ter uma função precisa. O professor pode mostrar que o gesto será tão mais significativo, quanto mais evitar a redundância. Ele alcançará legitimidade quando servir para eliminar ambiguidades do texto, para subvertê-lo, ou contradizê-lo” (BAJARD, 2014a, p.109)

Às vezes, algum movimento diferente é executado pelo leitor, aproximando-o da performance do contador, para ilustrar o enredo. Porém, esses momentos são mais raros, porque o livro é tido mais como um suporte do texto lido e não como um utensílio do figurino e do cenário.

A movimentação pelo espaço em que é realizada a leitura também é reduzida, pois o olhar do leitor passa a maior parte do tempo nas letras e linhas das páginas e uma caminhada, mesmo que só na frente da sala, pode fazer com que se perca o trecho da leitura e comprometer a eficiência ou o impacto de uma sequência narrativa.

Considero mais eficaz quando essa prática é realizada em pé diante dos ouvintes, pois a voz chega com mais potência a todos os espaços da sala de aula. A leitura sentada também é eficiente, mas requer mais esforço vocal do leitor e nem todos os alunos conseguem ter uma visão do rosto do leitor.

Élie Bajard também refletiu sobre essas diferenças corporais entre o leitor e o contador:

“O ato de contar dá maior margem à espontaneidade, uma vez que libera as mãos do livro, o olhar da leitura e as palavras do texto preestabelecido. Ao contrário, quando um adulto diz uma passagem para a criança mantendo o livro entre as mãos, está explicitando a origem livresca do texto, seu tratamento pela voz e seus modos de interpretação. Testemunhar atos de leitura é requisito para que a criança conheça a riqueza da função do livro e se torne leitor” (BAJARD, 2014a, p.113)

III. O olhar

O olhar é um aspecto importante durante a prática da leitura em voz alta. Porém, este olhar não é único: há o olhar do leitor e o olhar dos ouvintes.

O olhar do leitor não deve permanecer exclusivo nas páginas do livro, caso contrário, parecerá que desconhece a presença do público. O leitor, para potencializar o ato da leitura, deve tentar alternar o olhar para o livro e deve buscar o olhar dos ouvintes, sem que nesse movimento contínuo, que perdurará toda a prática, perca o ritmo da leitura. Além disso, é por meio desse olhar que tem um retorno da eficácia da leitura. Élie Bajard, em *Ler e dizer* afirma que “para acompanhar a comunicação, o olhar do emissor deve afrontar a do espectador. A fuga do olhar manifesta recusa de entrar em

relação. Além disso, o olhar deve estar disponível à resposta do ouvinte e entender o seu *feedback*.” (BAJARD, 2014a, p.108)

Bajard alega que “um texto sabido de cor facilita a situação”, ou seja, o leitor que domina o texto que tem em mãos consegue fazer com que seu olhar transite melhor do livro para o ouvinte, sem perder a dicção da leitura e, dessa forma, a partilha da leitura se realize de forma mais intensa.

O olhar do ouvinte nessa prática não é apenas um olhar inocente e desprovido de intenção. Para Élie Bajard, o olhar do ouvinte tem “duas funções: ele é o receptor da mensagem e também o veículo essencial do feedback.” (BAJARD, 2014a, p.108)

Em outra obra, *Da escuta de textos à leitura*, Bajard amplia a reflexão sobre a importância do olhar do leitor e como ele pode aumentar a fascinação da escuta por parte do olhar do ouvinte:

“A riqueza da presença do mediador reside na comunicação visual que instaura com os ouvintes durante uma pausa ou durante uma emissão. Por isso, os olhos têm que encerrar rapidamente a operação de resgate para se libertarem do livro. Quando, além da emissão, existe uma comunicação visual, se acrescenta a sedução do olhar à musicalidade da voz. O mediador que não usa o olhar não aproveita plenamente a comunicação “ao vivo”. Ele se ausenta da transmissão, como acontece no rádio. Ao contrário, o locutor que conhece o texto de cor, por estar liberado do resgate, dedica plenamente o olhar e a gestualidade à comunicação.” (BAJARD, 2014b, p. 57)

IV. A voz ou as vozes

O meio desta atividade leitora é a voz e as “vozes” do professor. Como os alunos já ficam acostumados a minha voz como professor, durante a leitura essa voz é desestabilizada, assumindo novas configurações no momento da leitura em voz alta, assumindo ora a voz do narrador, tanto em primeira ou terceira pessoa, como a voz dos personagens, assim como outros tipos de sons, que se projetam durante a narrativa, como as onomatopeias. Porém, não existe uma obrigatoriedade na mudança de voz do leitor, pois os ouvintes tem consciência de que o professor/leitor assume não só a fala do narrador, mas também a de todos os personagens que fazem parte da narrativa, tanto nos diálogos entre eles, quanto nos pensamentos que são expostos. Para Bajard,

“Ao pronunciar as palavras de um personagem, o locutor as assume publicamente, quer sejam louváveis ou condenáveis. A substituição de uma matéria visual por outra, sonora, acrescenta um segundo enunciador que desestabiliza a relação do ouvinte com o personagem.” (BAJARD, 2014a, p. 33)

Mesmo não havendo essa obrigatoriedade na mudança da sonoridade do leitor, considero importante, até mesmo pelo lado lúdico da leitura, fazê-la, pois é uma forma a mais de explorar os sentidos do texto narrativo e literário e, com isso, estimular a imaginação dos ouvintes.

Dessa forma, há uma tentativa de diferenciar a voz do narrador das outras vozes, principalmente pela mudança da entoação e altura da voz. Porém, às vezes, percebo uma limitação de fazer várias vozes, fato que ocorre quando há vários personagens envolvidos no mesmo momento da narrativa e todos falando quase que simultânea e sucessivamente.

Outra dificuldade em fazer várias vozes ocorre pelo fato de a leitura se estender por mais de uma semana, pois já aconteceu de eu trocar a voz de algum personagem acidentalmente.

Mas quando um personagem tem um padrão da fala atípico (como os personagens Dr. QI e Marius Casperides, do romance infantojuvenil *A droga da Obediência*, de Pedro Bandeira, ou como o Seu Tomé e Mister John Smith Peter Tony, do romance infantojuvenil *O gênio do crime*, de João Carlos Marinho), como vir de outro país e apresentar sotaque, ou falar por meio de um filtro de som, ou repetir exageradamente as mesmas palavras ou falar com voz nasalizada, é mais difícil cometer esse tipo de troca entre as falas dos personagens. Nesses momentos, noto que a escuta fica mais atenta por parte dos ouvintes, que chegam até a imitá-las em outras ocasiões. Portanto, esse recurso de alteração da voz do leitor possibilita que a escuta do ouvinte seja mais aguçada e torne-se mais sensível às nuances sonoras.

V. A pausa

É significativa a diferença entre as palavras presentes durante a leitura em voz alta de um texto e a quantidade de palavras faladas em uma contação tradicional, ainda mais se um texto for lido na íntegra. Élie Bajard aponta, ainda, outra distinção entre essas duas práticas de narração:

Se o discurso do contador enriquece a língua do ouvinte, a língua escrita é, nesse sentido, ainda mais potente. O texto escrito utiliza uma língua mais sofisticada – com gramática mais elaborada e vocabulário mais extenso – que a do discurso do contador. (BAJARD, 2014a, p. 29)

Por esses motivos, é essencial que haja mais pausas durante a leitura em voz alta, não só para que o leitor tenha tempo para ganhar fôlego, mas também para que a escuta seja mais saboreada pelos ouvintes, tanto pela apreciação de palavras que não fazem parte do cotidiano deles, assim como pela estrutura sintática própria do texto escrito e pela imprevisibilidade do texto literário. Dessa maneira, a narrativa não será prejudicada por uma leitura muito rápida, fato que deixaria pouco tempo para o ouvinte imaginar a narrativa e apreciá-la em toda a sua complexidade.

A pausa torna-se necessária também nos momentos de diálogos entre os personagens, pois, nestes momentos, fica mais evidente a quem pertence cada fala na narrativa e diferencia-se mais nitidamente do discurso do narrador.

Porém, a duração da pausa deve ter tempos diferentes, de acordo com a intenção do trecho narrativo: se for um momento de maior aventura – como uma perseguição ou uma fuga – as pausas devem ser muito curtas e os períodos devem ser quase que encaixados um no outro; se for um momento de mistério e de revelação, de ser uma pausa mais longa, para enfatizar o suspense exigido pela narrativa; já se for um momento de espera, a leitura dos períodos desse trecho pode ser bem mais lento, para reforçar o sentimento de ansiedade ou de aborrecimento, por exemplo, dos personagens.

VI. Memória do leitor

Teoricamente, o leitor de uma narrativa em voz alta não precisa memorizar a história para lê-la, pois ele está munido e amparado pelo livro; já o narrador tradicional traz em si a narrativa, ou seja, de uma certa forma, se apodera em sua memória e em seu corpo da história.

Bajard afirma que

“(…) para ser eficiente, a transmissão vocal exige do locutor ‘tomar conhecimento do texto’ antes da proferição. De fato, é difícil atribuir um tom expressivo a uma passagem se o encadeamento dos eventos da história e seu desfecho não são conhecidos. A dificuldade ocorre não somente no nível do texto, mas também no da frase. (...) Uma atividade solitária de desvelamento da narrativa é desejável antes do confronto com os ouvintes. A leitura que desvela o texto e a voz alta que o publica tornam-se mais efetivos quando ocorrem sucessivamente.” (BAJARD, 2014b, p. 34)

Porém, se o leitor não conhecer bem a história que lerá, mesmo tendo uma ótima fluência em leitura oral, pode perder um momento de fazer uma pausa maior para criar um clima de suspense ou agilizar um momento de maior correria, como uma perseguição ou uma discussão, ou mesmo para conseguir diferenciar o foco narrativo, do pensamento e dos diálogos envolvendo os personagens. Nesse caso, Bajard alega que uma leitura em voz alta “sem leitura antecedente exige grande habilidade e, mesmo assim, leva a performances limitadas” (BAJARD, 2014b, p.35)

Portanto, não só a memória das histórias que serão lidas, mas também a compreensão prévia delas ajuda não só a potencializar a leitura e torná-la mais eficiente, mas também ajudar a escolher a leitura para os seus ouvintes, possibilitando que estes usufruam com prazer mediante a leitura em voz alta de uma narrativa escolhida para eles.

VI. O Ambiente

Depois de muitas tentativas e disposições para realizar a leitura em voz alta, normalmente opto pela estrutura tradicional das carteiras em fileiras, onde, infelizmente, os alunos estão mais acostumados e, assim, as narrativas conseguem chegar, com mais facilidade, mais potência e menos obstáculos, aos alunos.

Há muito movimento em um ambiente escolar, tanto dentro como fora da sala de aula e esse movimento faz com que exista muito som, o qual se desloca de dentro para fora e de fora para dentro. Quando um som que está fora penetra o ambiente interno da sala de aula, faz com que os alunos o percebam e, dependendo da concentração, percam o foco da escuta.

Por exemplo, se a sala de aula é próxima à quadra da escola, os sons da aula de Educação Física penetram nessa sala. Dependendo do dia e do ânimo dos envolvidos na prática de atividade física, muito som sai da quadra e entra na sala. Dessa forma, a leitura em voz alta perde muita qualidade, tanto por que, ao ler a narrativa, tenho que usar um tom muito mais alto de voz e é mais difícil fazer os nuances com ela e os alunos perdem a concentração no enredo com mais facilidade (isso é percebido porque vários rostos dos alunos se voltam ao mesmo tempo em direção à quadra dependendo do tipo de som que vem de lá).

Já tentei fazer essa leitura em outros espaços da escola, como estacionamento, refeitório e biblioteca, mas considero que o deslocamento, tanto dos alunos quando de outras pessoas que transitam por esses locais, mais atrapalha do que estimula a escuta da leitura. Além disso, tudo fica mais imprevisível, como: um carro que entra ou sai do estacionamento; um aluno de outra sala que vai beber água no pátio que fica próximo ao refeitório e passa perto dos alunos/ouvintes; ou alguém que entra na biblioteca para emprestar ou devolver algum livro. Toda essa movimentação que não faz parte da sala de aula ajuda a distrair a escuta por parte dos alunos e pode também, dependendo da situação, fazer com que o leitor se desconcentre durante a leitura e ela perca toda sua potência.

Conclusão

A leitura em voz alta de narrativas em sala de aula é uma prática que utilizo como professor há mais de uma década e acredito que ela pode desenvolver um espaço de autonomia de prazer no aluno durante o momento da escuta, pois o ouvinte/aluno não tem a obrigatoriedade de realizar nenhuma atividade relacionada à narrativa escutada, a fim de comprovar que compreendeu partes da narrativa ou mesmo que as reteve em sua memória.

No início dessa prática, tinha a intenção de realizá-la como mediação, aproximando o livro dos alunos. Além disso, queria saber se os alunos que ouviam as histórias conseguiam acompanhar as narrativas. Para isso, formulava questionários de perguntas sobre os elementos da narrativa e sobre o enredo em si.

Com o passar dos anos e com a leitura de vários livros para alunos em sala de aula, percebi que não era necessário pedir nenhuma atividade a eles para verificar se estavam compreendendo as narrativas. Muito mais importante do que isso, mas uma simples pergunta sobre o enredo ou um comentário sobre determinada postura de um personagem da narrativa, por parte dos alunos que ouviram as histórias, tornaram-se muito mais significativo para a continuação dessa prática. Enfim, quando aboli, desse contexto, questionários e outras atividades objetivas, a fruição e a apreciação tornaram-se maiores nos meus ouvintes e o ato de escutar e de ler, posteriormente, pôde tornar-se um prazer.

É gratificante não só quando o aluno pede para eu emprestar o livro depois que termino a leitura da obra ou, mesmo, pede o empréstimo do livro para fazer a leitura em um final de semana, para saber antes dos colegas o desfecho da narrativa, mas também quando o aluno me mostra que emprestou da biblioteca o livro que li para eles ou outro livro do mesmo autor. Contudo, para mim, a satisfação maior, como o leitor em voz alta de narrativas, é quando percebo um encantamento no olhar do ouvinte, ou vejo a tristeza que muitos ficaram com o final da história, ou ainda quando eles desejam que continue a leitura, não como forma de “matar aula”, mas para, simplesmente, escutar a continuação.

No início, acreditava que a leitura em voz alta não teria o mesmo impacto e o mesmo encantamento, para os alunos, do que uma contação de forma mais tradicional, como a contação de um mito grego, por exemplo. E sempre pensei que a leitura em voz alta era menor do que uma narração oral. Mas a experiência dessas práticas me mostrou que ambas podem ter a mesma potência e provocar o mesmo encantamento e para que isso ocorra, é fundamental que o narrador/leitor tenha a memória da história dentro de si, mesmo utilizando o livro impresso como suporte, pois dessa forma, consegue-se, por meio da voz, da postura, dos gestos e do olhar, explorar a narrativa de um modo mais artístico, e não realizar apenas uma leitura impositiva, como um arauto da Idade Média.

Bibliografia:

ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Rio de Janeiro. Typ. De G. Leuzinger & Filhos.

ANDRUETTO, María Teresa. A leitura, outra revolução/ María Teresa Andruetto; tradução de Newton Cunha. – São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

BAJARD, Élie. Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito. São Paulo: Cortez, 2014a.

_____. Da escuta de textos à leitura. 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2014b.

BANDEIRA, Pedro. A droga da obediência. 106 ed. São Paulo, Editora Moderna.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In.: Os pensadores. 2ª ed. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1980.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola / Teresa Colomer; tradução de Laura Sandroni. – São Paulo: Global, 2007.

HUGO, Victor. Os miseráveis. São Paulo. Cosac Naify, 2012.

MANGUEL, Alberto. O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça/ Alberto Manguel. Tradução de José Geraldo Couto. – São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

MARINHO, João Carlos. O gênio do Crime. 36 ed. São Paulo: Global, 1990.

MATOS, Gislayne Avelar. O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar / Gislayne Avelar Matos, Inno Sorsy. – 3ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. A palavra do contador de histórias. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

NUNES, Lygia Bojunga. A bolsa amarela. 22 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura: Paul Zumthor; tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.